



## **Configurações de um Espaço de Pesquisa: Estudo da Produção Editorial na cidade de Santa Maria<sup>1</sup>**

Marília de Araujo BARCELLOS<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **RESUMO**

O presente artigo mapeia a produção editorial da cidade, a partir de agentes formadores da cadeia produtiva do livro, a saber: obras, editoras e autores santamariense, disponíveis na Biblioteca Municipal Henrique Bastide. A proposta visa dar início a estudos que tratem da produção, circulação e difusão de obras desenvolvidas na cidade e polos entorno. A pesquisa abrange a produção tanto de autores nascidos em Santa Maria, quanto dos que ali se estabeleceram e produziram sua obra; podemos nomear Felipe D'Oliveira, Raul Bopp, Chico Ribeiro e Prado Veppo.

**PALAVRAS-CHAVE:** produção e memória editorial; campo editorial; vida literária; mercado livro; Santa Maria.

(...) é difícil imaginar uma atividade que envolva tantos aspectos da vida nacional quanto a publicação de livros.  
Laurence Hallewell (1985, p.xxix).

Em 2011 o panorama editorial reúne grandes grupos editoriais, é caracterizado por uma tecnologia galopante e investimentos voltados para política de resultados. O estudo da produção editorial transcorre nesse cenário, no entanto, é justamente a partir da constatação da organicidade dos movimentos rumo a informações e dados para o futuro do livro e do campo editorial que surge a necessidade de resgatar a história

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 6 Interfaces Comunicacionais/ GP Produção Editorial, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Ciências da Comunicação/ Curso de Produção Editorial da UFSM, email: mariliabarcellos@gmail.com



editorial e, porque não dizer, os pequenos movimentos instaurados em cidades menores, que apresentam, de alguma maneira, particularidades de um cenário maior.

A pesquisa busca resgatar os valores locais ao longo da história do século XX, a partir do estudo dos agentes e relações neste campo. O campo de produção editorial em Santa Maria, no coração do Rio Grande do Sul, é uma amostragem das configurações de um espaço de pesquisa possível, que compõe e agrega o mosaico dos estudos da área. É pertinente distinguir a cultura editorial local, para poder e criar estratégias futuras de atuação. Conforme aponta Pierre Bourdieu (1996, p. 15), é relevante “compreender a gênese social do campo literário, da crença que o sustenta, dos interesses e das apostas materiais ou simbólicas que aí se engendram”, outrossim, conhecer o campo, suas instâncias e posições distintas de produção, circulação, difusão e consumo.

O campo no qual se desenvolve a literatura e todos os elementos que nela se estabelecem chama-se *campo literário*. Neste campo interagem autores, editores, críticos, acadêmicos, obras, editoras, livrarias, público consumidor, leitores, imprensa, o produto livro e outros. Na análise do sociólogo, estruturam o campo literário os outros estados do campo:

da escrita fabricam, segundo o gosto do público, obras escritas em um estilo fluente, de aparência popular... Por intermédio de sua ação como críticos, os escritores-jornalistas instauram-se, com toda a inocência, como medida de todas as coisas de arte e de literatura... (1996, p. 80).

A definição de reconhecimento e a de consagração no campo literário passou a se decidir a partir do século XIX, em uma luta entre escritores, críticos e editores. Esta discussão passa a pertencer também a outro campo, o campo do poder. Quando se analisa a literatura a partir de uma perspectiva sociológica, devemos considerar as trocas existentes entre os campos; inclusive, a importância das relações entre o campo literário e o campo do poder. A inserção em maior ou em menor grau no campo do poder poderá estabelecer a posição na instância de consagração.

Pierre Bourdieu nos apresenta o quadro de subordinação estrutural do campo literário do na França oitocentista, mas podemos nos apropriar de seus conceitos quando olhamos rumo ao campo brasileiro do século passado, tão igualmente marcado por códigos específicos.



## **Cadeia produtiva do livro e intenções de um mapeamento do mercado**

O campo editorial atual se caracteriza como um jogo, no qual as possibilidades de risco no investimento são imensas, em que a tomada de decisão está à mercê da possibilidade de êxito ou não. Já no século XIX as possibilidades de recuperar os gastos quando se editava um jovem escritor eram pequenas. No início do século XXI a produção dos bens culturais está sujeita à instabilidade nas vendas, e a uma política de resultados. A tiragem inicial de uma publicação não é definidora do andamento das vendas de uma editora. Não foi diferente no período em que autores santa-marienses tiveram seus títulos publicados. Ora os originais foram pagos pelos autores, outrora compondo o catálogo de editoras maiores, fora da cidade, ou mesmo subvencionados em coletâneas produzidas pelo serviço público.

Percebe-se que o investimento no produto a ser vendido no mercado inicia com a escolha do original, com um processo de seleção que deverá, a partir de critérios particulares da editora, determinar a obra a ser publicada. Estes critérios muitas vezes são determinados pela instância da editora no campo literário. Neste sentido, Bourdieu comenta dois pólos de conduta dos empreendedores na área editorial, o das grandes empresas e o das editoras pequenas, quando a seleção dos manuscritos está diretamente relacionada aos objetivos econômicos da Editora. No caso de grandes empresas, com sociedades por ações, fazem uma política voltada para o capital de giro rápido.

A cadeia produtiva do livro, conforme a economia do livro, parte de quatro subsegmentos, a saber: linha de livros didáticos, obras gerais, religiosos e técnicos científicos. Tal classificação é baseada na pesquisa Produção e vendas do mercado editorial, organizada pelo Sindicato Nacional de Editores – SNEL e Câmara Brasileira do Livro – CBL, quando faz o levantamento anual de títulos publicados, número de exemplares vendidos e livros em encalhe. É a pesquisa que aborda o mercado e serve como fonte a uma série pesquisas acadêmicas.

A produção editorial santa-mariense será abordada, ao longo da pesquisa, com o foco nas obras gerais, ampliando-se para os demais subsegmentos com o desenvolvimento da mesma.



## **A Vida Literária e Produção Editorial no Recanto Sul da região**

Observar o desenvolvimento da produção editorial em uma região do interior do Rio Grande do Sul, remonta a um lento e dedicado alinhavo em que o pesquisador, como se fora um artesão, tece um bordado, realiza e monta a peça fio por fio, página por página. E é a partir dos espaços nos quais se desenvolvem o mercado e a indústria do livro, da atuação dos agentes envolvidos para a formação do campo que o (pano)rama se configura.

Para entender toda a complexidade do sistema, é preciso recuperar o cenário brasileiro no qual aparecem os empresários que investiram no mercado do livro, como o fizeram e sob quais circunstâncias.

O mercado do livro no Brasil veio a se desenvolver com maior participação de empresas nacionais no início do século XX. A rede de edição, distribuição e vendas pertenceu, durante algum tempo a investidores estrangeiros e, como se viu, foi desenvolvida, muitas vezes, por imigrantes. Segundo Sérgio Miceli:

Em fins do Império e ao longo da primeira década republicana, uma parcela considerável das obras de escritores brasileiros era impressa na França e em Portugal. Não obstante, a crescente relevância do mercado sul-americano motivou a instalação de filiais de editoras francesas no Brasil e na Argentina(...) Laemmert, Briguiet e Francisco Alves são imigrantes que, tendo se familiarizado com o comércio livreiro onde começaram a trabalhar como balconistas, conseguem instalar-se no ramo por conta própria (1979, p. 68).

As editoras que mais se destacavam na produção eram: A Companhia Editora Nacional/Civilização Brasileira, de Monteiro Lobato e Octalles Marcondes, a Editora Globo, da família Bertaso e a José Olympio Editora, do próprio José Olympio.

O quadro do mercado editorial brasileiro nas primeiras quatro décadas do século XX apresentava as seguintes características: a Companhia Editora Nacional investindo em ficção e didáticos; a Editora Globo, em literatura infantil, manuais de viver, didáticos e traduções; a José Olympio Editora com uma maior inserção no campo do poder<sup>3</sup>,

---

<sup>3</sup> “... inúmeros escritores pertencentes à ‘casa’, ocupavam postos de relevo nos conselhos, institutos e outras instâncias decisórias do governo central.” MICELI, 1979, p. 89.



investia nos romances principalmente de autores nacionais; e outras, como a Melhoramentos, em livros infantis, a Francisco Alves na produção de livros didáticos e a Freitas Bastos com livros jurídicos.

Em 1930 há o registro do amadurecimento do mercado editorial, no qual circunstâncias político-históricas e culturais apontavam para mudanças no sistema literário. O aprimoramento na capacitação profissional, o investimento na equipe técnica, a utilização de técnicas de marketing avançadas provocaram uma franca expansão no campo e alterações nas instâncias do campo literário. Esta postura frente ao mercado, atendia à demanda do público e de produção dos autores nacionais. Miceli comenta:

O surto editorial dos anos 30 é marcado pelo estabelecimento de inúmeras editoras, por fusões e outros processos de incorporação que ocorrem no mercado editorial (...) aquisição de rotativas para impressão, diversificação dos investimentos e programas editoriais, recrutamento de especialistas para os diferentes encargos de produção e acabamento, inovações mercadológicas nas estratégias de vendas (...) mudanças na feição gráfica dos livros com o intento de ajustar o acabamento das edições às diferentes camadas do público, e sobretudo, empenho das principais editoras em verticalizar o processo produtivo e diversificar suas atividades. (1979, p. 78 e 79).

No que diz respeito ao setor de vendas, deve ser feito um aparte especial para o escritor e empresário Monteiro Lobato pela criatividade com que intercedeu na distribuição do livro pelo país. Empreendedor, este agente cultural foi editor e escritor e impulsionou o mercado editorial descobrindo novas maneiras de atingir um maior número de leitores, executando ações de vendas para aumentar e atender a demanda do mercado de livros no Brasil. Sócio, juntamente com Octalles Marcondes Ferreira, da Companhia Editora Nacional – anos mais tarde abrem uma sucursal a Civilização Brasileira – criou formas nunca antes utilizadas de vendas e distribuição de livros; foi também tradutor, investiu na publicação de autores desconhecidos e surpreendeu com a venda de sua primeira tiragem.

Guilhermino César, professor e crítico literário, relata sobre a vida literária do Rio Grande do Sul. Analisa as peculiaridades em relação ao resto do país, às concepções de regional, e de Modernismo: “o Modernismo não trouxe grande novidade à literatura gaúcha, ao valorizar a experiência estética baseada no cotidiano. O conteúdo regional, a despeito de tudo que o limita, foi um espelho fiel da sociedade gaúcha na sua juventude, na sua imaturidade histórica.(...)” e conclui: “o regional é o primeiro estágio de toda



literatura. Sob pena de cair no despaisamento, no incharacterístico, no formal, nenhuma literatura pode negar as matrizes de que procede o homem que ela traduz e representa”.

### **Panorama na virada para o século XX: a linhagem parnasianista, simbolista e modernista**

O início do século XX foi o período eleito para o estudo da história da produção editorial de Santa Maria. Período em que pode-se buscar fontes de autores provenientes da cidade, no cenário da produção literária brasileira. É caso do poeta Felipe D’Oliveira<sup>4</sup> que teve sua obra produzida fora do Estado, fato que indica, quem sabe, uma inexistência de indústria local que pudesse atender a demanda, induzindo à necessidade de uma rede ampla de relações para uma posição no mundo das letras. O campo de produção local está permeado de posições em todo tipo de instância, do local ao universal. Para tanto, a configuração do campo na capital, retratada pelos críticos denota o contexto no qual os escritores estavam inseridos.

Na virada do século XIX, Mário Totta, Paulinho Azurenha e Souza Lobo escreveram juntos o romance *Estrychnina*, publicado em 1897 e reeditado no centenário da obra<sup>5</sup>. Nesta obra, os autores reconhecem Porto Alegre como cenário da história, conforme aponta o professor Luís Augusto Fischer, na introdução do livro quando cita a referência dos autores à capital como “pequena, mas com intenções de ser ou parecer grande Na poesia, respirava-se parnasianismo por todos os poros; os poucos simbolistas brasileiros estavam ensaiando seus primeiros passos... A presença das letras locais é medíocre.”( p. 5).

Conforme Fischer, as letras no Rio Grande tomavam rumos diferenciados do centro do país, se posicionavam em instâncias diversas à discussão nacional. Enquanto o centro do país encaminha a discussão para a “superação do cânone fixado por Gonçalves Dias e José de Alencar”<sup>6</sup>, no Rio Grande do Sul a identidade e o romantismo permaneciam em alta. No entanto, foi com a obra de autores parnasianos como Damasceno Vieira, Aquiles Porto Alegre e outros que, segundo Guilhermino Cesar “que o Rio Grande conseguiu produzir três poetas de corte universal, libertos de prejuízos e

---

<sup>4</sup> Por vezes a grafia do nome do autor passa por Felipe d’Oliveira, optamos por manter a assinatura do poeta.

<sup>5</sup> Publicado primeiramente em 1897 pela Officinas typográficas da Livraria America, e em 1997, pela Artes e Ofícios editora.

<sup>6</sup> Idem, p. 7.



limitações provincianas: Fontoura Xavier, Alberto Ramos e Alarico Ribeiro... (ano, p. 236). A estes juntaram-se também os que traziam as influências dos europeus e do realismo português.

Quanto ao simbolismo, o livro *Via Sacra*, de Marcelo Gama, (1902), foi o primeiro título simbolista do Rio Grande do Sul. Além dele, surgem

(...) A linhagem portadora dos maiores nomes entronca em Marcelo Gama, ou seja, os simbolistas é que iriam fazer, nos dois primeiros decênios do século XX, a poesia rio-grandense na sua feição esteticamente válida. Rodas literárias, revistas, livros, tudo numa inquietação salutar, assinalam este momento, de maneira fecunda, tanto em Porto Alegre como em algumas cidades do interior. (...) Os simbolistas, porém, nadaram sem reservas ao sabor das correntes estrangeiras (Cesar, 1964, p. 238-239).

Foi através do grupo da Praça da Misericórdia, de Eduardo Guimaraens, que se deu a passagem para o movimento da poesia modernista.

### **E quem são os autores estudados?**

Alguns dos autores provenientes de Santa Maria traçara sua trajetória profissional para além da cidade. Raul Bopp, Felipe D'Oliveira, Prado Veppo, Reinaldo Moura. Conforme professor Pedro Brum Santos, (idealizador da pesquisa e coordenador do trabalho), a produção de autores locais, conhecidos apenas no sistema na região, está disponível nas bibliotecas de cidades no entorno, a 4ª. Colônia, como a Biblioteca de Nova Palma, a do Seminário Palomini, do Vale Veneto. Dente as obras produzidas em meados do século XX temos o poeta Tarso Fernando H. Genro que assina autoria de livros de poesia, a saber: *Vento norte* (1964), ainda estudante em Santa Maria, *Acorda palavra* (1969) e *Luas em pés de barro* (1977).



**Figura 1:** *Vento Norte*, livro de Tarso Fernando Herz Genro, publicado pela editora Manuzio (1a. edição) 1964, brochura 14,5x19,5, 45 págs., sem ISBN. Acervo Biblioteca Pública Municipal Henrique Bastide.



Mas é na Biblioteca Municipal Henrique Bastide que encontramos as fontes para o presente estudo.

No Rio Grande do Sul, segundo Laurence Hallewell, “até as primeiras décadas do século XX, a principal atividade de algumas editoras foi a publicação ilegal de autores fora do estado sulino” (1985, p. 245)

### **Biblioteca Municipal Henrique Bastide<sup>7</sup>, uma porta para o registro da produção de livros santamarienses**

Durante a primeira metade do século XIX, as horas de acesso à *bibliothèques publiques* eram restritas,(...) os livros preciosos novamente acumulavam poeira nas estantes, esquecidos e fechados.  
Alberto Manguel (1997, p. 271).

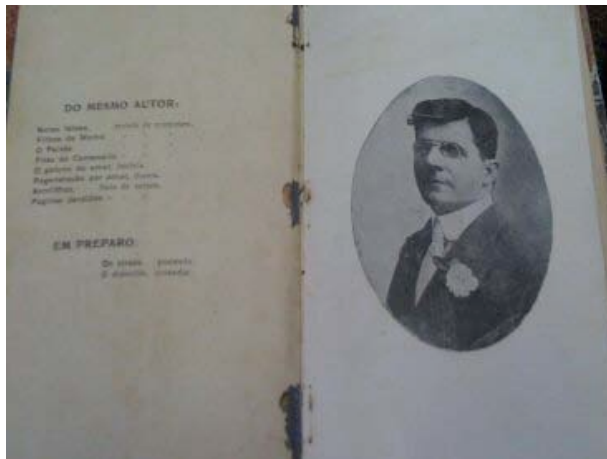
Mais de um século separam a referência às bibliotecas por Manguel, da visita à Biblioteca Municipal Henrique Bastide, de Santa Maria. Localizada no centro da cidade, em um prédio moderno, o acervo apresentado por Rosângela Requia, responsável pela biblioteca, igualmente conserva a poeira nas estantes, concentra obra de autores santamarienses desde o início do século XX. A proposta da visita foi a de conhecer de perto o que a biblioteca disponibiliza da produção e intelectual e da produção editorial local. Pedro Brum Santos, professor e pesquisador da literatura sulriograndense, assim apresenta em Prado Veppo, obra e memória, a relevância do estudo para a literatura, esta que se afirma como instituição ‘justamente a partir da ampliação do seu circuito e para que isso ocorra a circulação do livro ainda é elemento da maior importância’, cabível dizer, que tanto quanto o é para a comunicação:

[Veppo] É mais um autor que produziu aqui que se espalha a leitores e instituições garantidores da literatura como patrimônio cultural – assim como já ocorreu com Felipe D’ Oliveira e Reynaldo Moura, para citar dois ilustres antecedentes hoje plenamente solidificados no cenário da literatura rio-grandense e mesmo brasileira. (SANTOS, 2002, prefácio).

---

<sup>7</sup> Segundo o livro Tombo, a biblioteca concentra 40.000 (quarenta mil) livros.





**Figura 2:** Alba, tempo e Rosa, de Veppo.

Poucas horas foram suficientes para perceber que os envelopes amarelados e com vértices levemente machucados, guardavam raridades. Em seu interior a biblioteca reserva um armário (mesmo, daqueles com porta envidraçado, herdado do fechamento da Via Férrea), repleto de livros. A pesquisa foi um passeio pelas estantes do armário, ampliada pela agradável decoração do ambiente com quadro de artistas, doação de evento da Feira do Livro. Raul Bopp, Prado Veppo, Felipe d’Olivreira e Chico Ribeiro, compõem o espaço com obras e memorabilia.



**Figura 3:** Estante, da antiga Via Férrea, dedicada ao acervo de autores santamarienses.

A partir da análise dos livros, pode-se considerar que a produção editorial inicia na primeira década, mas a maioria se encontra a partir de meados do século e com publicações quase massiva presença da Sociedade Vicente Pallotti (gráfica e editora Pallotti). Embora tenha surgido em 1923, os livros mais antigos com o selo desta gráfica



e editora são de 1958. Desde então, as publicações são assinadas pela gráfica/editora, sejam livros patrocinados, de autores independentes, de instituições ou coedições. A Sociedade Vicente Pallotti, com sede em Santa Maria, Porto Alegre e São Leopoldo), atende o mercado editorial há anos. Conta em seu currículo como vencedoras, mais de uma vez, de um dos Prêmio Gaúcho de excelência gráfica, organizado pela Associação Brasileira da Indústria Gráfica no Rio Grande do Sul (Abigraf/RS).

No entanto, no que tange a sua posição como editora, faltam-lhe peculiaridades que definem a empresa, explicando melhor, parte-se do pressuposto de que uma editora tenha formado o seu catálogo, assuma linhas editoriais claras e precisas, que proceda compondo um corpo editorial e que vise a formação desse catálogo a partir do perfil editorial ao qual deseja construir. O perfil de uma editora e seu catálogo são o que há de maior patrimônio da empresa. É o valor de bem simbólico atribuído ao valor de capital econômico. A editora será reconhecida pelo o que editou, pelo volume de títulos publicados, por uma linha editorial coerente, por sua boa inserção na mídia e na conquista das vendas realizadas. Sem isso, o conceito de editora se esvazia. Nesse sentido, pode-se aferir que a Pallotti está mais para gráfica do que de editora. Atuando assim por uma proposta de atender a clientes que buscam na gráfica, facilitar o serviço.



**Figura 4:** Livros publicados pela Livraria do Globo, de Porto Alegre.

A presença da Livraria do Globo como publicadora no início do século XX é marcante. Também há casas editoriais do Rio de Janeiro e uma ou outra de São Paulo. Os títulos variam do segmentos de autoajuda ao de literatura, haja vista obras de Lauro Trevisan, peças teatrais de João Belém<sup>8</sup>, dentre demais autores. Os autores com

<sup>8</sup> A Câmara Municipal e Vereadores publicou As três peças teatrais de João Belém. O livro tem design gráfico adequado, boa qualidade na matéria prima utilizada. O que chama atenção é a ausência da 2ª.orelha na capa. A



repercussão internacional têm seus originais publicados fora de Santa Maria e traduzidos para outros países.

Na edição de Raul Bopp, há uma nota do editor, salientando, inclusive a referência de outra publicação anterior em que o autor e a editora sugeriram outro título para a mesma obra.

A biblioteca é conta com doações de toda sorte. As famílias do escritor Chico Ribeiro, bem como a de Felipe D'Oliveira, contribuíram para que o acervo contasse com objetos dos autores. Em um balcão separado há penas de caneta, faca para abrir envelopes, originais, chapa tipográfica, uma riqueza de materiais que estão, segundo a administradora da biblioteca (a olhos vistos), carentes de melhor cuidado. Os originais merecem ser digitalizados, compondo um acervo digital com acesso irrestrito na internet bem como a visibilidade e acesso à literatura.

Chico Ribeiro é um marco da literatura de publicação local, é considerado o fundador da literatura santamariense, foi patrono da Associação Santa-mariense de Letras, atual Academia Santa-mariense de Letras (ASL). Sua obra está no acervo da biblioteca, bem como memorabilia e manuscritos.

É forte a presença de sua obra: Rincão das Pandorgas, Antologia Poética. São títulos publicados pela ASL em coedição com editora Grafos. Em Antologia Poética, de 1988, a capa é assinada por José Bicca Larné, com foto de Helmuth F. Staggeimeier, a ficha catalográfica é assinada por Rosa Maria Fritsch Feijó, bibliotecária da UFSM.



**Figuras 5, 6 e 7:** Chico Ribeiro: memorabilia e manuscritos (destaque para a chapa tipográfica de original).

Os originais, cuidadosamente alinhavados à mão, permanecem até hoje. Compilam as páginas amareladas pelo tempo num fecho de fazer inveja a um bom

---

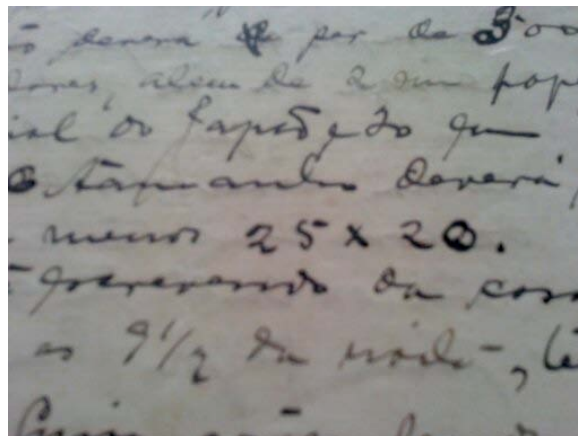
responsável pela biblioteca, Sra. Rosângela relata o caso de um dos usuários ter sido pego, depois de arrancar e colocar orelhas de livros no bolso. Um hábito do leitor, resultado do pouco investimento, dentre outros, de segurança e pessoal no estabelecimento. Foram 70 capas danificadas.

encadernador. A chapa tipográfica de *Filosofia Campeira* (1964), de Chico Ribeiro, está à disposição do olhar do leitor da biblioteca. Os manuscritos datilografados, com as ementas de revisão a serem realizadas, constituem em instigantes materiais para a crítica da gênese literária textual. Embora o prédio da Henrique Bastide conte com um amplo e moderno espaço, projetado por Julio Tasquim, seu interior carece de condições para preservação desse material, uma vez que climatização, profissionais para o atendimento, o serviço de limpeza, estão longe de ser adequadas. Embora uma parceria com a Fundação Bradesco proporcione espaço de inclusão digital e outros benefícios.

Em correspondência disponível, entre Felipe D’Oliveira e Homero [Prates?], há informações a cerca das trocas de idéias sobre produção de livros, sugestão de formato, cor da capa, definição de papel, cor da fonte, etc. Conforme o autor:

“como desejo a cor da capa, deve ser vermelha e com título doirado, em letras feitas pelo [...] Gutti, à maneira de o do teu livro e disposto como achares melhor, em lilás escuro, e nesse caso, o nome deverá também ser lilás cinzento, escrito em papel separado (15/03; 1912, p. 2).

“ser lilás escuro e revolvidos todo o livro por uma faixa branca, que levará... a sua retenção, o nome em violeta – em círculos o mesmo com que a capa” (...) “tamanho deverá ser mais ou menos 25 x 20” (1912, p.3).



**Figura 8:** Características Editoriais, registradas em correspondência nos manuscritos de Felipe D’Oliveira.

Pode-se supor a hipótese de que a carta é a definição para uma publicação em que Felipe está envolvido com o editor. Conforme Lígia Militz da Costa, em *Felipe D’Oliveira vida e obra*, no Rio Grande do sul o “Simbolismo correspondeu à ruptura com a prática literária influenciada pelo Romantismo, que conduziu os escritores à exploração da temática local, através do regionalismo” (1990, p. 15). O Grupo dos sete, como era chamado o conjunto de escritores Simbolistas do RS, no início do século XX, era formado por Felipe d’Oliveira,



Álvaro Moreyra, Antonio e Francisco Barreto, Eduardo Guimaraens, Homero Prates e Carlos de Azevedo. Em 1911 Felipe edita seu primeiro livro: *Vida Extinta*, a partir dessas informações, a hipótese de que a correspondência ocorra entre Homero Prates e Felipe se dá a partir do período da publicação, uma vez que a carta está datada de 1912.

Raul Bopp (Vila Pinhal RS, 1898 - Rio de Janeiro RJ, 1984), também faz parte do acervo dos autores santamarienses, da estante da Biblioteca. Morou de 1910 a 18 em Santa Maria, mas sua trajetória literária transcorre fora do Estado, inclusive no exterior. *Cobra Norato* teve sua primeira edição pela Ariel Editora, do Rio de Janeiro e a segunda edição na Livraria São José, também na capital fluminense, mas desta vez reúne demais poemas do autor, intitulando-se essa segunda edição como *Cobra Norato* e outros poemas. Nesta edição há uma nota explicativa do editor, no rodapé da página de expediente. Na edição de 1951, Bopp trata de anunciar seu envolvimento com os modernistas, declara: “A chefia do movimento foi de Tarsila. Oswald ia na vanguarda, irreverente, naquele solecismo social de São Paulo” (p. 11).

Há muito que buscar nas bibliotecas, outras impressões: tipografia Santo Antonio, gráfica Santa Maria, editora Grafo, da Academia Santa-mariense de Letras, editora Gente, de Lauro Trevisan, enfim, este estudo se propõe a realizar um mapeamento inicial da produção, ou a falta de, para permitir o desenvolvimento do mercado atual.

Longe de ser um assunto que possa aqui se esgotar, está mais próximo de uma reflexão e resgate da história da produção ao longo dos anos chegando ao século XXI. O registro da situação do campo editorial, em todas suas nuances e relações, aponta para busca de alternativas para sobrevivência no mercado da produção editorial.

## REFERÊNCIAS

**BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL HENRIQUE BASTIDE**, acervo de autores santamarienses, SANTA MARIA /RS

BOPP, Raul. **Cobra Norato** e outros Poemas. Rio de Janeiro: Bloch, 1951.

BOPP, Raul. **Cobra Norato** e outros Poemas. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

\_\_\_\_\_. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.



BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil 1900**. 5ª edição. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, Academia Brasileira de Letras, 2005.

CARVALHAL, Tania Franco (Apres.) In: CESAR, Guilhermino. **Notícia do Rio Grande**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS e IEL, 1994.

CESAR, Guilhermino et al. **A vida literária**. In: **Rio Grande do Sul; terra e povo**. Porto Alegre: Globo, 1964.

EARP, Fábio Sá e KORNIS, George. **A economia da cadeia produtiva do livro**. Rio de Janeiro, BNDES, 2005

FISCHER, Luis Augusto. **Estrychnina**. Porto Alegre: Artes e Ofícios,

**Fundação Biblioteca Nacional**, Site disponível, <http://www.bn.br/portal/>>, acesso em 12 junho 2011.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A. Queiroz; USP, 1985.

KORACAKI, Teodoro. **A Companhia e as Letras: Um Estudo sobre o Papel do Editor na Literatura**. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp151000.pdf>>, acesso 10 junho 2011.

**Laboratório Corpus**, site disponível em < <http://www.ufsm.br/corpus/>>, acesso em 08 de junho 2011-07-14.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MICELI, Sergio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920–1945)**. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

SANTOS, Pedro Brum. **Prado Veppo - obra completa**. Ed. UFSM, 2002, prefácio.

SANTOS, Pedro Brum; Ligia Miltz da COSTA; Maria Eunice MOREIRA (org.). **Obra Completa Felipe D’Oliveira**. Porto Alegre/Santa Maria: IEL; Ed. UFSM, 1990.



D'OLIVEIRA, Felipe. Manuscritos, correspondência entre Homero e Felipe D'Oliveira, carta  
Porto Alegre, 15/03:1912. Acervo Biblioteca Municipal Henrique Batisde.

### Anexo de fotos

Fotos do ambiente da biblioteca, memorabilia, obras, editoras, acervo carente de preservação, correspondências, manuscritos de originais, preservados na Biblioteca Municipal. Todos os créditos das fotos são de minha autoria, durante a visita à Biblioteca Pública Henrique Batisde, em Santa Maria.

